LEOTA AO VIVO

Pe. Azarias Sobreira

De uns dois meses a esta parte, tenho-me dedicado à paciente leitura da correspondência ativa e passiva do nosso saudoso folclorista e escritor Leonardo Mota. E entre as cartas que escreveu e foram arquivadas na Secretaria do Arcebispado de Fortaleza, sessenta e oito das quais para Dom Antônio Lustosa, avultam muitas em que de pronto se percebe a capacidade que era muito sua de autodoação.

No vigor da saúde e da mocidade, dera-se, apaixonadamente, ao estudo e pesquisa do nosso folclore; e o fêz com a galhardia de autêntico cavaleiro andante, varando os agrestes sertões nordestinos à procura de material para seu canhenho de observações seletas. Logo depois, seu afã consistia em percorrer todo o território nacional, de preferência os focos de maior cultivo mental, onde exibia, com raro brilho e eficiência, o belo cabedal indefessamente acumulado e onde jamais lhe foram regateados ruidosos aplausos e aclamações.

Quando, porém, feneceu, aliás prematuramente, a irrequieta mocidade, e sôbre seu caminho trovejaram os desencantos e gemidos de uma enfermidade que para sempre o trouxe encarcerado entre as paredes do lar, como foi que reagiu no aguilhão de tão contundente prova? Entregando-se, com tôdas as veras dalma, a mortificantes sondagens para o completo levantamento da História da Igreja no Ceará. Como, também, entregando-se ao Cristo de sua Primeira Comunhão e levando, dali por diante, até a morte, sem o mais leve desfalecimento, uma vida deveras eucarística, das mais edificantes e enternecedoras de que temos sido testemunhas.

Não haja dúvida, entretanto, de que, para atingir plenamente semelhante objetivo, foi-lhe de indizível alcance a vinda ainda recente de D. Antônio de Almeida Lustosa, nomeado Arcebispo de Fortaleza, para a Terra Mártir. Misto de asceta e erudito altamente compreensivo e identificado com sua missão apostólica, Dom Lustosa percebeu, desde logo, a grandeza de propósitos e o superior talento do beletrista cearense; e sua profunda estima para com êle e sobretudo suas virtudes cristãs a tôda prova geraram em nosso Leota o alento e incentivo de que êste necessitava então para realizar, superiormente, a obra que tinha em mira entre os espinhos de seu luminoso ocaso.

É isto exatamente o que nos vão dizer, com viveza talvez impressentida, as pepitas que, no folhear de seu epistolário em foco, andei respigando, não sem dor nalma, por só recolher o que ali há de mais saliente, por puro amor à brevidade.

Mutatis mutandis, parece não haver exagêro em afirmar que o segundo Arcebispo de Fortaleza foi, no Ceará, para Leonardo Mota, o que, na Guanabaa, tinha sido o Cardeal Leme para Jackson de Figueiredo, de imperecível memória: um amigo desvelado, um pai esclarecido, um sugestivo modêlo no escrupuloso aproveitamento das horas livres, na mortificação dos apetites desordenados e na incondicional adesão ao Cristo com sua cruz e sua coroa de espinhos. Escusado é frisar que a expressão *apetites desordenados* vem a propósito da imperiosa necessidade que tinha o nosso Leota de extirpar, conforme heròicamente extirpou, o hábito de beber que havia contraído em sua longa peregrinação pelo País, despertando o público brasileiro para as riquezas que possuíamos no rol de nossas tradições, nossas canções populares, nossas crenças, lendas e costumes.

1 — As 68 missivas que de seu próprio punho Leonardo Mota endereçou a Dom Lustosa e a que já fiz menção linhas acima, foram tôdas escritas no curto período que medeia entre maio de 1942 e agôsto de 1947. E diga-se logo de passagem que o tratamento usado pelo missivista cearense em relação ao Metropolita era *V. Exa.* Também é digno de nota a maneira de terminar cada uma de tais epístolas. Ei-la:

"Com afetuosa veneração:

Leonardo Mota".

* * *

2 — Para seu senso de pesquisa e visceral empenho pelo esplendor da Igreja, nenhuma noção, nenhum esclarecimento parece desprezível.

Assim é que, mesmo atrás de uma simples data, uma rápida permanência de determinado padre em outro Estado ou até em outra Paróquia, Leota revolvia arquivos, solicitava informações oralmente ou por escrito, enviando cartas e mais cartas a quem quer que estivesse em condições de esclarecê-lo honestamente.

3 — Em sua missiva de 22.11.1942, merece menção o seu regozijo por ter descoberto uma ocupação exercida pelo padre Verdeixa, ocupação essa até então ignorada entre nós por todos os estudiosos do assunto. Vale a pena ler-lhe o tópico abaixo, bem capaz de definir-lhe a nobre paixão pela minúcia no mundo da historiografia cearense. Ei-lo:

"Outra surprêsa: o nosso endemoniado pe. Alexandre Verdeixa estêve como pároco da Freguesia paraense de Muaná, cousa que nenhum historiador cearense registou, apesar dos muitos ensaios biográficos do famanaz sacerdote."

Vinha isto imediatamente depois do que se segue: — "Não é o pe. Manuel José de Sena Martins, o padre Sena que foi sepultado em Redenção. Afirmo-o porque acabo de encontrar a notícia do falecimento do pe. Manuel José de Sena Martins, ocorrido em 1809, na Paróquia amazonense de Parintins. Êsse necrológio foi publicado num jornal de Aracati."

4 — Leota chistoso transparece num parágrafo da carta de 7-9-1943 e que é o seguinte: "O sedentarismo a que me condenei vem dando resultado: começa a *amansar* e amanhã ou depois hei de fazê-lo acariciar as pedras do calçamento urbano, numa caminhada até a Cúria." "Como acontece todos os anos, a chegada do inverno alvoroça de alegria a minha alma... mas exarcerba os meus achaques de reumatismo. Fortemente acamado desde domingo, já ontem e hoje faltei à comunhão cotidiana por me ser impossível ir à Igreja do Coração de Jesus. Estou assim atravessando um fim de dezembro que me seria melancólico se só me preocupasse o bem-estar físico." (Carta de 24-12-1943).

5 — Em 24 de novembro de 1944 escreve: — "Sou muito grato a V. Exa. pelas interessantes notas colhidas em Quixadá. Foi sensasacional para mim a descoberta daquele paroquiato do padre Quintino, futuro fundador do sólio cearense. Nenhum de seus biógrafos alude àquele vicariato em 1892; e eu já estou farejando outra interinidade do mesmo padre Quintino em Jardim, no ano de 1898, fato também silenciado nos escorços biográficos do 1º Bispo do Crato."

6 — Leiamo-lo em sua cartinha com data de 11-10-1943. Deplorando as deficiências de informações sôbre a Paróquia de Coité, diz: — "O mencionado padre F. é dos tais que prometem como sem falta e faltam como sem dúvida... Deixou de me enviar o que muitas vêzes lhe roguei e que êle algumas vêzes me prometeu."

7 — Na sobredita carta de 11-10-1943, solidariza-se assim com a aflição universal da cristandade: — "Acredite V. Exa. que sofri sob

a angustiosa apreensão do que venha a sofrer o Santo Padre com a iminente batalha de Roma. Será que vamos ter um nôvo Papa santificado pelo martírio?"

8 — Tem a data de 21-7-1943 o trecho seguinte: "As gracinhas do meu reumatismo não me têm permitido mais do que arrastar-me matinalmente à capela do convento dos Capuchinhos, quase à ilharga do meu tugúrio: essa a razão por que tenho deixado de aparecer na Cúria, como tanto seria do meu prazer e proveito."

9 — Do epistolário relacionado com o ano de 1942, consta, entre outras, esta observação: — "A 17 de janeiro de 1876, mons. Hipólito Gomes Brasil dirige um requerimento a D. Luís pedindo que o exonere do cargo de Vigário Geral e Provisor do Bispado, depois de quase onze anos no exercício dêsses cargos. Foi algum atrito inconsequente, pois o pedido resultou inoperante e a petição nem foi publicada."

10 — A correspondência de 10-7-1942 reza assim: "Permita V. Exa. êste respeitoso cavaco: Se *Lajedo* é nome civil e a Paróquia é *São Miguel da Cruz*, por que o *Anuário da Arquidiocese* fala em "Paróquia de Senador Pompeu", quando o que teve instituição canônica foi a *Freguesia de Nossa Senhora das Dores do Humaitá?* Em tôdas as circunscrições diocesanas do Ceará existem casos como êste."

11 — Na de 19.7.1942 lê-se o seguinte: — "Recebi à tardinha de ontem, a carta em que V. Exa. teve a bondade de me transmitir a cópia das inscrições legíveis nos túmulos dos sacerdotes sepultados em Maranguape. Constituíram novidade para mim as datas de nascimento e morte do pe. Ernesto José Cavalcante. Confesso que ignorava, também, que o pe. Raimundo Bezerra, ali falecido, tivesse sido sepultado em Lavras, Freguesia que paroquiava. Em compensação, mons. Vicente Salazar da Cunha, ali enterrado, fechou os olhos, à vida aqui em Fortaleza.

Nas minhas notas estava que o padre Anastácio de Albuquerque Braga nascera em dezembro de 1842, mas a inscrição tumular o diz nascido a 22 de maio do referido ano. É quase certo que encontrei aquêle *dezembro* no têrmo de matrícula no Seminário, onde êle entrou *a* 22 *de janeiro de* 1865 (matrícula sob o n.º 32).

No processo de ordenação do mesmo, não achei a parte *de génere;* tenho isto anotado. Em face da divergência, não me esquecerei de procurar ver o assento batismal. Embora dando mais pelos dizeres da placa funerária, não acho despiciendo o que foi registrado na matrícula. O pe. Chevalier era cuidadosíssimo neste particular. Verifiquei-o vêzes sem conta, quando, graças ao saudoso pe. Santos estudei cêrca de oitocentas matrículas do Seminário local. Só um grande imprevisto fará com que amanhã, antes da sessão do Instituto, eu deixe de ir agradecer a V. Exa., de viva voz, o que teve a generosidade de me enviar por mãos do pe. André Camurça.

Nessa ocasião apresentarei a V. Exa. uma preciosidade que acabo de adquirir para o meu modesto, mas futuroso arquivo: diversas poesias do Pe. Dr. Frota! Trata-se de uma porção de bem feitos hinos sacros, todos datados e assinados. As datas oscilam entre 1905 e 1909. Considero sensacional o achado por dois motivos: primeiro, porque aquêle sábio e santo sacerdote morreu aos 93 anos, irredutível na sua aversão à publicidade; segundo, porque nunca se suspeitou de que êle poetasse.

Pedindo-lhe que me abençoe, sou de V. Exa., com afetuosa veneração, servo atento e gratíssimo."

12 — Leiamo-lo ainda na carta de 10-7-1942:

"Em obediência ao que me foi determinado por V. Exa., faço agora a remessa de algumas não despiciendas observações ao que é legível no *Anuário da Arquidiocese* para o ano de 1941.

Parece-me indispensável um critério indiscrepante: ou nos guiamos pelas leis provinciais ou pelas provisões eclesiásticas. Ora, lei (dos tempos do Brasil Império) não criava Freguesia, mas apenas autorizava a criação. Tanto assim que houve leis que resultaram inoperantes, a exemplo da 1405, de dois de agôsto de 1871, que solenemente estatuiu: "Fica criada a freguesia da povoação de Marrecas, desmembrada da freguesia de São João do Príncipe, no Inhamuns." E de que serviu a lei 1837 que, a 17 de setembro de 1879, transferiu para Juàzeiro a sede da Freguesia de São Pedro? Não teve o assentimento dos podêres eclesiásticos, pelo que se tornou letra morta."

13 — Em data de 24 de agôsto de 1942, numa revelação de grande perspicácia, corrige afirmativas epistolares de Dom Lustosa nos seguintes têrmos:

(De acôrdo com dizeres de V. Exa.), "a criação da Freguesia de São Bento (da Amontada) foi a 13 de novembro de 1872 (L. 43). Peço licença para discordar... A Freguesia de São Bento teve autorizada a sua criação pela lei n.º 1759, de 18 de setembro de 1873. A constituição canônica sobreveio a 21 de abril de 1874. Isto é fàcilmente verificável à página 82 do primeiro Livro de Matrículas da Freguesia, existente no Arquivo da Cúria (Livro n.º 513, no Catálogo).

(Ainda segundo V. Exa.), "o pe. Antero José de Lima recebeu a Freguesia da Imperatriz das mãos do pe. Pedro Ferreira de Melo, como Vigário Encomendado, a 23 de outubro de 1870". Peço licença para discordar. Não foi a 23 de abril, mas a 23 de outubro de 1870. Isto é verificável fàcilmente no Livro n.º 501.

(Mais uma vez segundo V. Exa.) "a lei 1 445, de 12 de outubro de 1871, erige a Freguesia de Messejana". Peço licença para discordar. Se, em 1871, a Freguesia de Messejana tivesse realmente sido criada, não seria paroquiada em 1872... Ora, a instituição canônica resultou da Provisão Episcopal de 20 de fevereiro de 1873, data em que também foi nomeado o 1.º Vigário (Pe. José Ferreira

da Ponte), empossado três dias depois. O que em 1871 aconteceu foi a autorização para a criação da Paróquia; e isto só se realizou vinte meses e oito dias mais tarde.

14 — A carta de Leota com data de 1.º de setembro de 1942 é um documento tão rico de observações substanciosas, seja a respeito da inteligência do nosso sertanejo no seu linguajar matuto, seja sôbre pontos controversos dos nossos arquivos eclesiásticos, que a reproduziríamos na íntegra se não fôsse, como é, muito extensa. Reputamos simplesmente pasmosa a sua paciência de autêntico beneditino com tão mísera saúde, assim como a sua erudição de argumentador em questões, às vêzes, de aparente insignificância.

Termina a mencionada epístola com êste pós-escrito que dá prontamente a medida do historiógrafo que nêle perdemos. Com a palavra o Leota:

"Dispunha-me e a encerrar esta quando recebi informação telefônica do pe. José Bruno Teixeira de que na "União do Clero" não está o Livro de Atas de 1894, em que se poderia achar o Rescrito do Leão XIII. Não encareço. Vou a outras fontes. Não me conformo com isto de que a *história é uma ciênciazinha hipotética*, como desconsoladamente pensava Taine."

15 — Da missiva de 3.9.1942 transcrevo apenas êstes parágrafos: — "Recebi, à tardinha de ontem, a carta e as interessantes notas que V. Exa. teve a bondade de me remeter. À noite apus comentários às referidas notas, mas deixo de enviar tudo a V. Exa. por ter resultado de meus escritos uma porção de laudas.....

.....

Faltam-me palavras que eloqüentemente traduzam o meu agradecimento pela complacência com que V. Exa. considera os estudinhos dêste *maluco* e *desocupado*, tão sinceramente empenhado em servir à História Eclesiástica do Ceará.

Hoje fui distinguido com uma visita pessoal do padre Serafim Leite que veio a nossa casa acompanhado do padre Francisco Freire. Amanhã, dia 4, teremos uma conferência do padre Serafim."

16 — Eis o que de mais saliente retirei da carta do dia 8 de setembro de 1942:

"Já coordenei algumas contradições históricas do Senador Pompeu, mas prefiro apresentá-las pessoalmente porque, ao mesmo tempo, propiciarei a V. Exa. a leitura do *Ensaio Estatístico* dêsse sacerdote, obra que me bastará para a prova de que o mencionado autor é responsável por numerosas trapalhadas cronológicas.

Assisti, no dia 4, à conferência do padre Serafim Leite que me distinguiu com uma visita. Aguardo a chegada de V. Exa. para lhe transmitir, de viva voz, a minha impressão de ouvinte do douto jesuíta."

17 — Da correspondência datada de 26 de setembro de 1942 é lícito concluir, com plena edificação para os leitores, o desvêlo do Leota pela exatidão. Senão vejamos alguns dêsses seus dizeres:

a) "Apenas começo a melhorar dos achaques reumáticos do braço esquerdo, dou-me pressa em acusar o recebimento do cartão de V. Exa., o qual me veio acompanhado de uma pequena miscelânea e do opúsculo de monsenhor Bruno. E, aproveitando a oportunidade, faço a devolução da *plaquette* que compendia a conferência de monsenhor Albuíno sôbre o fundador do sólio cearense. Rogo vênia para dizer, sincera e lealmente, que discordo do conferencista em vários pontos. Assim, e a esmo :

b) O Colégio da Imaculada Conceição não foi fundado a 24 de julho de 1865 (mons. Albuíno, página 19), mas a 15 de agôsto de 1865. (Há, no Arquivo da Cúria, uma cópia da "Memória Histórica", de monsenhor Hipólito). Monsenhor Albuíno faz confusão com a data da chegada das Irmãs no Ceará. E tal data nem é 24 de agôsto, mas 24 de julho de 1865.

c) É chocante que, à página 15, mons. Albuíno chame *Vicente* Pinto ao protomártir da civilização cearense, pe. Francisco Pinto, sacrificado pelos índios na Ibiapaba, a 11 de janeiro de 1608.

d) Dom Luís não foi Marquês de Monte Pascal a 15 de novembro de 1879 (página 20). Essa é a efeméride em que o Govêrno Imperial propôs a transferência dêle para o Arcebispado da Bahia. E o título de Marquês, *por serviços prestados como Primaz*, só o teve em 1888, como pode ser visto em Studart no trabalho "A Diocese do Ceará".

18 — Da carta de 17 de abril de 1943, o que mais desperta a atenção é o trecho seguinte: "Estou a devolver a V. Exa. os originais do *Anuário de* 1942. São catorze as observações que tenho a fazer. Vão em papel separado por eu ignorar se serão atendidas. Os enganos mais graves são os referentes aos monsenhores Quinderé e Hermes. Envio também a V. Exa. os artigos "As Manchas do Sol", de Rodolfo Teófilo, legíveis na seleção d'*O Povo*. Assinalei as páginas em que são encontráveis. P. S. O Dr. Demócrito Rocha, diretor de *O Povo*, encontra-se gravemente doente."

19 — Doutra carta de igual teor, com data de 8 de abril de 1943, possui especial relêvo isto: "Estou enviando a V. Exa. mais do que prometi. Quero dizer, não apenas o livro de Rodolfo Teófilo, mas também o de Ildefonso Albano. O primeiro estuda a famigerada "sêca grande", e o segundo, o flagelo de 1915. Ambos os volumes pertencem à Biblioteca do Instituto do Ceará, onde estão catalogados sob o número que apresentam no dorso. Lendo-os, V. Exa. terá conhecido os relatos quiçá mais lancinantes e verazes das duas calamidades.

Permita-me impetrar a atenção de V. Exa. para a página 276 e seguintss do livro de Rodolfo Teófilo. Faz êle o elogio de D. Luís e do clero, elogio insuspeitíssimo porque o autor era agnóstico."

20 — A carta de 11 de outubro de 1943 traz isto de mais interessante:

"Forte, cruciante crise reumática — de 4 do corrente até ontem — me tornou incapaz de qualquer escrito. Esteja o Sr. Arcebispo absolutamente tranqüilo. Deus há de conceder que ainda em vida e a V. Exa. eu entregue tudo, tudo, tudo quanto possuo sôbre biografias de sacerdotes conterrâneos. Testamento é cousa que me não daria ao luxo de fazer, *et pour cause...*"

21 — Na correspondência de 4 de abril de 1945, mereceu-nos especial menção êste trecho:

"Estou a enviar a V. Exa. uns breves comentários das preciosas notas da leitura que teve a bondade de me oferecer. Seria interessante verificar, pelo epistolário eclesiástico, se descobrimos quando se ordenou o pe. Joaquim Coelho da Cruz. No *mare magnum* de minhas pesquisas, alguns apontamentos se entrechocam em relação a sacerdotes de nomes parecidos. Veja que temos:

Pe. José Joaquim Coelho
Pe. Joaquim Coelho da Cruz
Pe. Joaquim da Silva Coelho
Pe. Joaquim Coelho da Silva.

A balbúrdia está em todos êsses sacerdotes terem sido conhecidos por *padre Coelho, tout court.*"

22 — Já na carta com data de 30 de junho de 1945 assim se expressa:

"Leio n'*O Nordeste* que V. Exa. resolveu distender à Paróquia de Pacajus a Visita Pastoral que ora empreende .....
.....

Peço licença para sugerir a V. Exa. que investigue se, na tradição oral, subsiste qualquer lembrança da permanência, aí, do famoso padre Antônio Manuel de Sousa, mentor de Pinto Madeira na revolução cearense de 1832. Encontrei, no Arquivo, três cartas dêsse célebre sacerdote, alcunhado *benze-cacête,* e dirigidas, de Pacajus, ao Presidente da Província, pe. José Martiniano de Alencar."

23 — Eis o que de mais digno de registro se pode ler na carta de 17 de março de 1943:

"A respeito daquela carta, datada de 10 de janeiro de 1874, que V. Exa. teve a gentileza de me mostrar e na qual o padre Clicério da Costa Lôbo se exonera da Secretaria do Bispado, tenho a informar que a exoneração em aprêço só foi concedida mais três meses depois, a 30 de abril de 1874. Interessante: o pe. Clicério, que, na Secretaria do Bispado, teve como antecessor o futuro D. Lino Deodato de Carvalho, teve também, como sucessor, o futuro D. Jerônimo Tomé da Silva. E ninguém mais digno de uma Mitra do que êle mesmo, pe. Clicério.

Mas esta vai longa e já patenteia quanto me são proveitosas as comunicações de leituras, que V. Exa. me faz, do epistolário eclesiástico."

24 — Da missiva de 28 de setembro de 1945, fique apenas o seguinte:

"Transcorre, nesta data, o bicentenário do nascimento do pe. Domingos Francisco Braga que foi quem, a 15 de setembro de 1778, batizou o futuro pe. Mororó, arcabuzado a 30 de abril de 1825. O pe. Domingos Braga faleceu em Sobral, a 7 de agôsto de 1816."

25 — No final da cartinha de 13 de setembro de 1946, volta a repisar o tema da própria saúde nestes têrmos:

"Não tenho passado invejàvelmente de saúde e estou em severo regime alimentar. A pressão arterial continua elevada e o exame de sangue acusou anormal percentagem de uréia. Mas Deus proverá."

26 — Guardemos os seguintes parágrafos da carta com data de 14 de setembro de 1946:

"Recebi ontem o catão de V. Exa. a que ora respondo, devolvendo o original da carta do beneditino de São Paulo. Combinam com os meus cadernos as datas que V. Exa. colheu no Livro do Tombo de Itapajé. Só me era estranho quando se lançou a pedra fundamental da igreja de S. Miguel.

Frei Vital da Penha era o nome que o povo dava a frei Vital de Frescarolo, capuchinho italiano, nascido em 1749 e falecido a 23 de abril de 1820. Êsse grande sacerdote missionou em todo o Norte e sobretudo na ribeira do S. Francisco; pacificou índios desatinados. No Ceará *frei Vital da Penha* estêve várias vêzes. A convite da Câmara de Fortaleza, veio a esta capital em 1796; em 1797 missionou em Canindé e a 27 de outubro de 1798 benzeu o cruzeiro de Pereiro.

O historiador Antônio Bezerra pensa que foi esta, a de 1798, sua derradeira missão no Ceará."

Finis coronat opus.